

PERSONAGENS LÉSBICAS IDOSAS E OS AFETOS EM AMORA

Carolinne Taveira de Melo
*Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade da
Universidade Estadual da Paraíba.*
carolinnetaveira@hotmail.com

Orientador: Dr. Wanderlan da Silva Alves
*Professor do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade, da
Universidade Estadual da Paraíba.*
alveswanderlan@yahoo.com.br

*Simpósio Temático nº XXIII – INTERSECCIONALIDADE E OS EFEITOS DE
SUBJETIVIDADE EM NARRATIVAS DE VIDA*

RESUMO

O presente trabalho analisa os contos “Marília acorda”, “As tias” e “Vó, a senhora é lésbica?”, presentes no livro *Amora*, de Natalia Borges Polesso, a partir da leitura dos afetos de personagens idosas. Para tanto, discutimos a respeito do corpo envelhecido em Simone de Beauvoir (2018), além de pensar uma política de afetos em Sara Ahmed (2015). Marginalizada, a temática lésbica, bem como os afetos na velhice, ganha aqui uma centralidade, de modo a tornar visível o que, geralmente, é tratado como inexistente ou rechaçado à invisibilidade. Atrás de muros ou numa fuga de um convento, conhecemos as histórias de Clarissa e Carolina; Alvina e Leci; Marília e sua companheira. Observamos a maneira como os afetos circundam as personagens e como elas existem, vivem e amam à revelia de todos os impedimentos sociais.

Palavras-chave: Literatura brasileira contemporânea, Lesbianidades, Afetos, Amora.

ABSTRAT

The present work analyzes the short stories “Marília wakes up”, “Aunts” and “Grandma, are you a lesbian?”, present in the book *Amora*, by Natalia Borges Polesso, based on the reading of the affections of elderly characters. Therefore, we discuss about the aged body in Simone de Beauvoir (2018), in addition to thinking about a politics of affections in Sara Ahmed (2015). Marginalized, the lesbian theme, as well as the affections in old age, acquires a centrality here, in order to make visible what is generally treated as non-existent or rejected as invisibility. Behind walls or fleeing a convent, we know the stories of Clarissa and Carolina; Alvina and Leci; Marília and her partner. We observe the way affections surround the characters and how they exist, live and love in spite of all social impediments.

Keywords: Contemporary Brazilian Literature, Lesbianities, Affections, *Amora*: Stories.

INTRODUÇÃO

Vencedora do Prêmio Jabuti 2016, na categoria contos, com o livro *Amora*, Natalia Borges Polesso traz, em suas narrativas, personagens lésbicas, bissexuais, que existem e são, categoricamente, marcadas pelo viés de uma busca autônoma de construção de afetos e de suas próprias vidas, traçadas e atravessadas por inúmeros entraves sociais. No presente livro, conhecemos histórias de mulheres de diferentes idades, em diversos contextos sociais, e as suas afetações.

Por ordem dos afetos, compreendemos as afecções como “modos pelos quais são afetadas as partes do corpo humano e, como consequência, o corpo inteiro” (SPINOZA, 2019, p. 74). De acordo com Spinoza (2019), o corpo humano é afetado por outro corpo de diferentes maneiras, consistindo, pois, em movimentos que alimentam uma força caracterizada pelo autor como de ordem adequada, ou uma força contrária que mobiliza o corpo de modo a fazê-lo retroagir, retirando desse corpo a ideia máxima de potência de vida.

Nos debruçamos sobre as discussões acerca das afecções postuladas por Spinoza (2019) para chegarmos à análise de leituras dos afetos dentro dos contos “Marília acorda”, “As tias” e “Vó, a senhora é lésbica?”, presentes no livro de Polesso. Tais narrativas apontam para a presença de personagens lésbicas idosas, que têm suas vidas cercadas por famílias – ou a ausência dos demais familiares, como é o caso de “Marília acorda” – e reivindicam, a seus modos, suas subjetividades e suas formas de afecção. Reivindicam, nesse contexto, pelo fato de se tratarem de personagens mulheres, idosas, lésbicas, de modo que essa tríade corrobora uma discussão que procura romper com uma invisibilidade institucionalizada social e culturalmente. Assim, a aparição de tais personagens, como presentes, existentes dentro das narrativas, afetando e sendo afetadas por outrem dialoga com uma recorrente busca de reivindicação de um lugar existente, vivo.

OS AFETOS E AS AMORAS

Inicialmente, chamamos atenção para a presença de personagens idosas nos contos mencionados, visto que a própria aparição de idosos na Literatura Brasileira, por exemplo, é algo não muito comum¹. Interessa-nos investigar a maneira como personagens como Clarissa e Carolina; Alvina e Leci; Marília e sua companheira estão presentes dentro das narrativas, chamando atenção para as relações de afeto criadas pela autora e vividas pelas personagens.

A ideia de um corpo envelhecido é perpassada pela concepção de um corpo dissociado de desejos, de possibilidade de vínculos amorosos/românticos, como se desvanecendo o corpo, desvanecesse também as afecções que o mobilizam e o fazem sentir e desejar. O que vemos em *Amora*, nos contos que serão analisados, é justamente o contrário, visto que se traz para o lugar central, visível, protagonista, personagens idosas que se permitem usufruir do desejo, ainda que esse desejo seja (e esteja) cercado de medo.

Seguimos a discussão apontando a sexualidade das personagens e a possibilidade de uma vivência amorosa possível dentro da literatura brasileira contemporânea, quando pensamos a lesbianidade. Cristina Ferreira-Pinto (1999, p. 407), em seu artigo sobre o desejo lésbico em contos contemporâneos brasileiros, aponta que:

Se a expressão da experiência erótica feminina chega a ser problemática, a representação da sexualidade lesbiana o é ainda mais, pois rompe com as relações dominantes de gênero, ao excluir a figura do homem em uma posição de sujeito atuante, em vez do papel tradicional de objeto do desejo masculino.

Se as representações da lesbianidade, desvinculadas da ideia dominante de gênero, são um tabu, as representações da sexualidade lésbica na velhice tendem a ser um assunto tratado de maneira ainda mais problemática. Noutro momento, a autora chama atenção para o fato de a mulher lésbica ser tratada como “no-ser”, ou seja, impossível de ser nomeada e caracterizada dentro dos preceitos de gênero e sexualidades dominantes, de modo que ao desvincular-se desse lugar, a inviabilidade e o posto de quase inexistência torna-se uma forte característica que marca tais sujeitos.

¹ De acordo com Regina Dalcastagnè (2012), a proporção de personagens idosos, se comparada às demais faixas etárias, é reduzida. Elencando ainda a categoria de gênero, personagens femininas idosas, são ainda mais escassas a partir do panorama de recortes estabelecido pela autora em sua pesquisa.

No entanto, devemos destacar que, ainda que presentes em uma margem da margem (MELO, 2021), as representações lésbicas na literatura brasileira existem. O que nos interessa é averiguar a maneira como aparecem nas narrativas, bem como analisar a maneira que encontram para experimentar seus desejos à revelia de imposições sociais dominantes (heterossexualidade compulsória, por exemplo).

Desse modo, a presença de personagens lésbicos na velhice tende a romper com tais relações de domínio e a estabelecer novas perspectivas, que atravessam e são atravessadas pela ordem dos afetos, pelo desejo, pela maneira que encontram, através de linhas de fuga (DELEUZE; GUATTARI, 2012), a fim de expressar suas pulsões.

Em “As tias”, conhecemos a história de Leci e Alvina, duas senhoras que se conhecem em um convento, enquanto eram jovens. A primeira, com dezessete anos, e a sua companheira, Alvina, com quinze, permanecem no convento por quinze anos, logo depois, passam a viver juntas no interior de Garibaldi, Rio Grande do Sul. Embora o conto – narrado pela sobrinha de Alvina – rememore o passado, apontando, inclusive, para uma postura rupturista de ambas as personagens principais, visto que saem de uma instituição religiosa para passar a morar juntas, como casal, ele se direciona para o momento presente, de modo que a idade é um fator determinante na relação de Leci e Alvina, como também da relação de ambas com os familiares.

A relação, embora velada para os demais, deixa-se transparecer como algo firmado. Em determinado momento, diz a narradora: “Quando eu fui pela primeira vez à casa das tias, tudo já estava meio que assentado e aceito. Nada se discutia sobre ir ou não à casa das moças que fugiram do convento para morar juntas. Ninguém mais achava estranho, não tinha por quê” (POLESSO, 2015, p. 186-187). Apesar dessa suposta “aceitação” dita pela narradora, o que vemos no decorrer da narrativa é uma reprovável resposta dos familiares à união de ambas as personagens: “com o passar dos anos *e da cara feia de alguns parentes*, a tia Alvina teve a ideia de fazer um daqueles almoços de família na casa delas” (POLESSO, 2015, p. 188, grifo nosso). O que nos interessa, nesse sentido, é perceber como Alvina e Leci conseguem romper com determinados preceitos estabelecidos, bem como conseguem fazer com que seus desejos se sobressaiam. Apesar dos impedimentos e “da cara feia de alguns parentes” (POLESSO, 2015, p. 188), ambas nutrem uma relação amorosa, no interior de uma cidade pertencente a um estado conservador.

A escritora bell hooks (2021) aponta para uma questão fundamental no que se compreende como amor, ou melhor, como verbo *amar*. De acordo com a autora, o amor é ação, de modo que a “emoção participativa” muito parte da premissa desvinculada de uma ideia romantizada e posta como determinada acerca do amor, apontando para a ação da emoção aqui mencionada como trabalho, e a partir disso, para a possibilidade de fazer mover a relação do sujeito consigo mesmo, bem como a relação e a ação do fazer, do amar, com (e para com) o outro.

Juntas há sessenta anos, as personagens constroem a relação de maneira privada, distante dos olhares alheios, apesar dos comentários maliciosos dos próprios familiares. A privacidade dá a elas a oportunidade de ser quem de fato são, por outro lado, as coloca em situações que corroboram um lugar de invisibilidade, de deslegitimação do que se compreende como uma união civil e todos os direitos que estão associados a isso. Em determinado momento da narrativa, Alvina sofre um AVC, e Leci não pode estar presente como acompanhante da sua companheira:

[...] É familiar? Dizia a moça da recepção e todos assentiam: primas, irmãs, sobrinhas. Nessas horas de hospital, sempre aparece alguém. Mas *a Leci não era parente* e toda vez que chegava para ficar, a moça da recepção lhe dizia que já havia um parente no quarto e que o pernoite tinha preferência. A tia Leci voltava para casa chorando. Mas o que a senhora é dela, dona Leci?, perguntava a moça da recepção. *Amiga*, dizia ela com uma voz de comiseração (POLESSO, 2015, p. 189, grifos nossos).

O uso constante de substantivos como “amiga”, “tia”, “prima”, por exemplo, é algo que se repete não apenas no conto em questão, mas nos demais contos presentes no livro de Polesso (MELO, 2021). De modo que a privacidade, ainda que dê espaço a uma certa ideia de autonomia e “liberdade” de ser o que se deseja ser (e se é), ela aponta para um lugar ambíguo, uma vez que há limitações, restrições, que as colocam à margem de suas próprias subjetividades. No entanto, apesar disso, é necessário destacar que se trata também de enxergarmos tais personagens como frutos de gerações distintas e que, portanto, a própria ideia da homossexualidade é tratada de forma mais privada, muito provavelmente como uma estratégia de preservação, de escolha por silenciar, mas também de autocuidado e segurança.

Isso as limita e as faz agir de maneira a traçar uma espécie de linha de fuga, a fim de que possam viver da maneira que acreditam que devem. Por essa razão, apesar

do medo sublinhado no decorrer da narrativa, ambas optam pela efetivação de uma união civil, casam-se e têm como madrinha e testemunha a narradora, sobrinha de Alvina:

[...] imagina que talvez eu tivesse que sair da minha casa porque ela não seria minha? Tu imagina que, se eu morro, a Alvina fica sem pensão, porque é da minha aposentadoria que a gente vive também. Tu imagina tudo isso pensa que somos duas velhas e o que fazem com velho geralmente é jogar pra lá e pra cá como se fossem sacos de entulho [...] (POLESSO, 2015, p. 192).

É Leci quem se pronuncia, apontando para um medo subjacente ao próprio silêncio permeado acerca do relacionamento de ambas as personagens. Depois do ocorrido no hospital, ambas decidem legitimar sua relação de maneira burocrática para atestar e comprovar, perante a Lei, que de fato são um casal, pois há o medo de serem separadas ou de perderem algum direito. Spinoza (2019), em uma discussão a respeito das afecções, aponta para estas classificando-as como algo adequado ou inadequado ao corpo, de modo que, uma vez afetado por um movimento de afecção adequada, o corpo age, movimenta-se, em função de uma certa positividade, pois há aí vida. Do contrário, estabelece-se uma espécie de impulso contrário, e o que poderia mover esse mesmo corpo para algo positivo, adequado, o faz retroceder.

O ato de efetivar o casamento é uma ação que alimenta não apenas a ideia proposta por bell hooks (2021), apontando para o amor como um constante fazer (e refazer) de si e da relação, uma ação que é simbiótica, mas também subjetiva, que, se somada, constrói rumos favorecidos. Daí então um rompimento com esse lugar silenciado – seja por medo, seja por quaisquer outras questões – e a realização de um fazer para si, juntamente com esse outro, possibilidades existentes e existenciais. Ambas as personagens não permanecem em um lugar de deslegitimação, pelo contrário, elas reivindicam lugares para si, do modo delas, seus respectivos lugares existentes e passíveis de vida: “Casaram. Continuaram felizes como sempre foram. E assim seria, até que a morte ou alguma burocracia as separasse novamente. De qualquer forma, é o melhor e mais bem-sucedido casamento da família” (POLESSO, 2015, p. 192). Não se trata de afirmar como legítimo apenas aquilo que passa pelo viés da Lei, da visibilidade/exposição, trata-se antes de enxergar, no movimento, uma ação que rompe com o que está posto como “apagado”, silenciado, quase invisível.

Como mencionado anteriormente, a substantivação dos nomes próprios em comum é algo recorrente nos contos analisados, bem como em outros contos presentes no livro de Polesso. Em “Marília acorda”, conhecemos a história de duas senhoras que vivem uma para a outra: Marília e sua companheira. Nessa narrativa, não conhecemos o nome da companheira de Marília, o que leva a pensar que a ausência do nome aponta para um valor simbólico da própria ausência ou apagamento do sujeito lésbico, seja nos âmbitos sociais, seja na Literatura Brasileira. Além disso, a presença de substantivos comuns delimita um lugar específico em que tais personagens são representadas, como dissociadas de uma parte delas mesmas: sua própria sexualidade e a independência de ser quem de fato são. No entanto, reconhecemos também que se trata de um recurso de proteção e cuidado, como discute Silvano Santiago (2004), a respeito do homossexual astucioso, em outro contexto literário e temporal. O recurso utilizado por Polesso não se distancia da realidade de muitas mulheres lésbicas, o que imprime à narrativa uma relação cotidiana contemporânea, mas também um retrato denunciativo do que delimita a existência do outro, nesse caso, de mulheres lésbicas.

Sara Ahmed (2015), discutindo acerca da política das emoções, afirma que o medo funciona como “la conservación del poder” (AHMED, 2015, p. 108), de modo a delimitar/restringir a movimentação e circulação dos sujeitos. Como fonte de preservação, ocorre um refreamento de ações que são, aparentemente, lidas como automáticas, ligadas à própria constituição autônoma dos sujeitos, a fim de que não ocorra quaisquer formas de violência (seja física, simbólica, etc.) pelo fato de serem homossexuais (e no caso tratado aqui, por serem personagens lésbicas idosas), o que aponta para uma limitação/restrrição, em prol da proteção do que pode vir a acontecer, desses sujeitos. O medo, de alguma maneira, funciona como um mecanismo de autodefesa, mas também como um refreamento da potência do sujeito, dependendo do contexto em que está inserido.

A construção narrativa e poética do conto “Marília acorda” traça um perfil que se assemelha à discussão apontada por Ahmed (2015) a respeito da política do medo. Marília e sua companheira vivem “atrás do muro que esconde o nosso pátio da rua e que esconde a nossa vida das pessoas” (POLESSO, 2015, p. 134). A presença do muro não deixa de ser simbólica, seja como medida protetiva, seja como uma barreira que remete à privacidade.

Apesar de não conhecermos a história de ambas as personagens, o que sobressalta é um constante silêncio imbuído de afeto, de amor, de medo. O silêncio age como dispositivo de denúncia, daquilo que permanece velado, mas também como lugar de sossego e daquilo que não chega a ser traduzido através de palavras. A companheira de Marília afirma que essa última “não tem silêncio nas mãos” (POLESSO, 2015, p. 132) e, acerca de ambas, menciona: “somos muito quietas, sempre fomos do silêncio” (POLESSO, 2015, p. 136). E o que poderia ser lido como uma limitação do casal talvez aponte para certas contradições constitutivas dessas personagens, por isso mesmo, remetem ao humano e se fundam na condição de ser: no corpo que fenece, no medo da perda e da ausência, na construção afetiva, amorosa, que se alimenta através da ação (HOOKS, 2021):

Olho para os cabelos dela, agora sobre o meu ventre. Ela deita de lado e pede para que eu lhe cubra os pés, apenas os pés. Pede também que eu abra a janela. Eu estico minhas costas e braços até a cordinha da persiana e a luz nos revela: minhas mãos manchadas sobre os cabelos brancos dela. Há quantos anos, Marília? Há quanto tempo esse ritual das manhãs de domingo? Penso, mas não digo nada. Parece que Marília chora. Se chora, não é por fora. Ela me diz que vai fazer nosso café. Levanta e vai (POLESSO, 2015, p. 133-134).

O choro silencioso de Marília remete, talvez, à certeza do esquecimento, do que, de alguma forma, não se sustenta de maneira indelével e é passível de fenecer. Nesse caso, ambas temem a perda uma da outra, visto o tempo, os anos em que estão juntas, o amor que sentem uma pela outra, a história de vida que foi costurada ritualisticamente todos os dias e em todas as manhãs de domingo, desde que se encontraram.

Aqui, destacamos a maneira como a velhice se apresenta na narrativa, pois é marcada pelo que decorre do estado de fenecimento dos tecidos do corpo, no decorrer dos anos, não necessariamente como algo determinado, mas como uma possível consequência. Destaca Simone de Beauvoir (2018) acerca da senescência que a ideia construída e difundida desde a antiguidade é de associar a velhice a uma espécie de resfriamento. Se a vida, o calor, é associada à juventude, o período de senescência foi então associado ao que fenece. De acordo com a autora, apenas em “meados do século XIX que – sem ainda levar este nome – a geriatria começa a realmente existir” (BEAUVOIR, 2018, p. 25) e, a partir de então, e do desenvolvimento da medicina moderna, é que a velhice surge como algo “inerente ao processo da vida, do mesmo modo que o nascimento, o crescimento, a reprodução, a morte” (BEAUVOIR, 2018, p.

28-29). E continua noutro momento: “a velhice não é um acidente mecânico; à semelhança da morte, que, segundo Rilke, ‘cada um traz em si, como o fruto traz sua semente’, parece que cada organismo já contém desde o início sua velhice, inelutável consequência de sua completa realização” (BEAUVOIR, 2018, p. 29).

Para além de tais questões, a ideia da troca de afetos, da própria relação sexual/experiência amorosa na velhice é, ainda, tratada como um tabu, pois, de acordo com Beauvoir (2018, p. 89): “depois da menopausa, a mulher não é mais sexuada”. Uma problemática que muito se associa a uma visão limitada e antiquada acerca da senescência. Se tais questões são voltadas para a discussão do corpo envelhecido da mulher heterossexual, percebemos uma ausência da discussão acerca da mulher idosa homossexual.

Não é a idade que limita o corpo, mas talvez as afecções que lhe atingem e que são geradas a partir da relação com outros corpos e o que os sujeitos fazem a partir dessas afecções. O que move tais personagens, apesar do medo da perda e da certeza iminente do esquecimento, da história de ambas, dos afazeres mundanos, da ideia de si e da morte, é o afeto que nutrem uma pela outra, e continuam, entre domingos e domingos, cotidianamente, traçando para si roteiros possíveis de serem executados e vividos:

Agora ela me ajuda a tomar banho. Lava minhas costas com suas mãos desajeitadas. Parece que ainda tem vergonha dos nossos corpos. Ou é esse acanhamento novo tão velho. Passa xampu na minha cabeça três vezes e eu sinto que tem algo errado, mas não digo nada. Eu tenho medo. É justo que eu tenha medo. Mas não é justo que mostre isso para ela. Marília é medrosa, parece dura, mas morre de medo. Eu morro de medo ainda e de novo e todos os dias rezo para que morramos juntas, porque não vou suportar ficar sozinha, nem ela. Eu pensei em cuidar disso eu mesma. Pensei em fazer com calma, pensei em deitar com Marília, de meias, e no chá misturar uma dose que nos tranquilize e, com sorte, não acordaremos. Pensei só, mas não tenho coragem. Então eu rezo. Eu rezo para que sejamos juntas tão juntas como sempre fomos, agora e na hora da morte.

No domingo seguinte, Marília acorda e me acorda com cheiros de café, gavetas sendo empurradas e a nossa melodia sem palavras (POLESSO, 2015, p. 136).

Talvez, o amor e a aliança entre uma e outra sejam o elo de força que as mantém vivas. O que se mantém como algo concreto, mesmo depois de tantos anos e mesmo com a certeza do fenecimento, corrobora um discurso à revelia de sistemas contrários que limitam/restringem a circulação de tais sujeitos e, sobretudo, a sua

manifestação como eles, de fato, são, pois, ainda que atrás de muros, elas existem e amam, o que aponta para uma força de possibilidade de existência.

Já em “Vó, a senhora é lésbica?” conhecemos Clarissa e Carolina, duas senhoras que se relacionam há vinte anos e cuja história é narrada pela neta de Clarissa, Joana. No conto em questão percebemos uma recorrente rememoração não das personagens Clarissa e Carolina, mas da própria narradora-personagem, ao traçar uma linha temporal acerca da história entre ambas e a descoberta de que estas se relacionavam há muito tempo. Como encaixes, os trechos misturam-se entre passado e presente, entre *flashes* de memória e também de diferenças geracionais no que diz respeito aos relacionamentos lésbicos, pois a neta Joana também é lésbica.

De acordo com Cheryl Clarke (1988, p. 100), “no hay un solo tipo de lesbiana, no hay un solo tipo de comportamiento lésbico, y no hay solo un tipo de relación lésbica”. Assim, compreende-se que, levando em consideração que as análises dos contos “As tias”, “Marília acorda” e “Vó, a senhora é lésbica” apontam para relações homoafetivas entre personagens idosas, as narrativas, semelhantes em alguns aspectos, apresentam uma multiplicidade subjetiva, pois, como discute Melo (2021, p. 112):

As vivências são muitas e, dentro de cada subjetividade, encontramos maneiras outras de enxergar as relações homoafetivas femininas, evocando em cada uma delas uma forma potência de existir, o devir-lésbico, uma linha de fuga à revelia das imposições sociais, familiares.

Diferentemente dos dois primeiros contos analisados, nesse último, as personagens Clarissa e Carolina não moram juntas, mas, como referido, são um casal há vinte anos. A rememoração de Joana indica um caminho imaginativo, mas também aponta para situações que vivera na infância, ao se deparar com as recorrentes visitas da “tia” Carolina:

Por volta das quinze horas, minha avó punha uma mesa de chá. As xícaras com flores azuis, o jogo de porcelana, os talheres de prata, bandeja. Um pouco depois do almoço, ela nos deixava sozinhos e ia até a padaria. Voltava em vinte minutos com uma caixa de delícias que sempre nos fazia muito curiosos. *Quinze e pouco chegava a tia Carolina. Minha avó ficava radiante.* (POLESSO, 2015, p. 38, grifo nosso).

E, no entanto, conforme adentramos na leitura da narrativa, enxergamos um cenário em que Carolina começa a se sentir desconfortável: “A tia Carolina trazia, quase

sempre, uns olhos de embaraço, agora lembro, os passos incertos, as mãos cheias de anéis que se torciam em si mesmos, os ombros para cima sempre. *Parecia que não queria estar ali*” (POLESSO, 2015, p. 38, grifo nosso). Não se sabe, até então, o motivo que leva a personagem a se sentir desconfortável, dada a observação da narradora-personagem: “parecia que não queria estar ali”. Noutro momento, é dito que ela fora casada com um homem, Carlos, e talvez por isso, e por imposições sociais, medo do que poderia vir a acontecer caso descobrissem o relacionamento entre ambas, o desconforto e desajuste transpareçam.

Surpreendida com uma pergunta do neto Joaquim, – pergunta homóloga ao título do conto – quando este questiona o significado da palavra lésbica, Clarissa “continuava de olhos baixos” (POLESSO, 2015, p. 34), assim como a neta, pois ela mesma, Joana, temia que fosse “descoberta”. Noutro momento, Clarissa questiona o neto: “[...] – E onde você ouviu isso sobre eu ser lésbica? – Ouvi o pai e a mãe falando” (POLESSO, 2015, p. 39), o que deixa subentendido que a relação entre Clarissa e Carolina é algo velado, e, no entanto, alvo de possíveis críticas. Dessa maneira, aqui também percebemos uma linha silenciosa entre as relações discutidas nos três contos, seja através de um silêncio que vela a relação para os demais, porém todos sabem e falam/julgam a respeito, seja através de um silêncio que paira entre as personagens e suas vivências, cabendo apenas a elas mesmas suas vidas e um silêncio acerca da própria presença do sujeito lésbico, nesse caso, idoso, nas narrativas, que é rompido através da presença dessas três curtas narrativas.

O desfecho da história dá-se a partir da percepção de Joana, após a revelação de Clarissa, de que tanto essa última quanto Carolina não podiam viver da maneira como bem desejavam:

No final, minha vó dizia vinte anos, faz vinte anos. Até que o Joaquim perguntou por que ela e a tia Carolina não moravam juntas. Essa a minha vó não respondeu, disse que por hoje estava bom de histórias e resumiu dizendo que não moravam juntas porque não queriam. Porém me ocorreu lembrar que a tia Carolina tinha sido casada com seu Carlos. Me ocorreu que talvez ela não pudesse ficar com a minha vó. (POLESSO, 2015, p. 41)

Apesar disso, estão juntas e continuam juntas, apesar de todos e quaisquer impedimentos, barreiras, muros, que viessem a promover algum rompimento. O que sobressai nas narrativas então analisadas não é apenas a presença de personagens

lésbicas idosas, mas é também a união entre os respectivos casais e o que advém de tais uniões. Aparentemente, ainda que cercadas por silêncios que muito associam-se a uma ideia de privacidade da relação de cada um dos casais, esses mesmos silêncios parecem perfurar a presença de quaisquer meios que possam vir a se intrometer em cada uma das relações. O que delimita pode ser (e é) o medo, seja a angústia acerca da possibilidade da perda da companheira, seja do que advém daqueles outros muitos que infligem desamor. No entanto, o amor cultivado através dos anos, das experiências muitas, de uma recorrente ação, é mantido à espreita, e talvez seja ele que abraça o silêncio e as proteja.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em “Tudo sobre o amor”, bell hooks discute a respeito da política do medo como mecanismo coercitivo, a fim de se garantir uma obediência. Sara Ahmed (2015) também chama atenção para essa temática, apontando para o medo como uma forma de contenção, de restrição do sujeito e, conseqüentemente, para a anulação de si, pois uma vez posto sob controle, o poder alheio é exercido como opressão. A quebra ou o rompimento de uma política dominadora e assustadora do medo talvez encontre espaço nas afecções, nos afetos, de ordem “adequada” (SPINOZA, 2019). Afetos esses que fazem com que o sujeito se mova em direção à sua pulsão de vida, que o façam mover-se de maneira positiva.

Nos contos “As tias”, “Marília acorda” e “Vó, a senhora é lésbica?”, conhecemos histórias distintas que se entrelaçam entre si por uma identificação geracional, por uma reação conseqüente de uma política do medo, mas também pela insistência incansável de se retificar uma existência como tal: existente e digna de ser vivida e experimentada em suas pluralidades. O amor atravessa as narrativas de maneira sutil, mas também arrebatadora, pois é preciso força para ir contra a correnteza. As narrativas são, em si, uma fissura, um rasgo para mostrar a vivência de tais personagens na Literatura, personagens tradicionalmente predestinadas à margem. No entanto, ao que aparenta, os silêncios têm muito a falar e emergem para a superfície, para que daí possamos enxergar suas forças e suas potências. Apesar do muro, dos muitos silêncios, de não poderem dividir o mesmo teto como casal, das substantivações ou até mesmo serem impedidas de visitar sua companheira enferma, encontram linhas de fuga – ou é o

próprio amor a linha de fuga? –, a ação que as move e que legitima suas existências que fenecem, mas são perpetuadas através de algo indelével: o amor.

REFERÊNCIAS

AHMED, Sara. **La política cultural de las emociones**. México: Universidad Autónoma de México, 2015.

BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 3. 2.ed. São Paulo: Ed. 34, 2012.

_____. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 4. 2. ed. São Paulo: Ed. 34, 2012.

FERREIRA-PINTO, Cristina. O desejo lésbico no conto de escritoras brasileiras contemporâneas. In: **Revista Iberoamericana**, vol. LXV, n. 187, abril-junho, 1999, p. 405- 421.

HOOKS, bell. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. São Paulo: Elefante, 2021.

MELO, C. T. **O devir lésbico na literatura brasileira: entre a tradição e a ruptura**. 2021. 154 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade - PPGLI) - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2021.

MORAGA, Cherríe; CASTILLO, Ana. Orgs. **Esta puente, mi espalda: Voces de mujeres tercermundistas en los Estados Unidos**. Trad. CASTILLO, Ana; ALARCÓN, Norma. San Francisco: Ism impress, 1988, p. 99-107.

POLESSO, Natalia Borges. **Amora**. Porto Alegre: Não Editora, 2015.

SANTIAGO, Silviano. O homossexual astucioso. In: **O cosmopolitismo do pobre**. Belo Horizonte: UFMG, 2004.

SPINOZA, Benedictus de. **Ética**. Trad. Tomaz Tadeu. 2.ed. 9. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.